

**17º Congresso de Iniciação Científica****AS REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES ACERCA DAS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E A INDÚSTRIA CULTURAL****Autor(es)**

EVELYN SANT'ANNA SAMPAIO

Orientador(es)

NILCE MARIA ALTENFELDER SILVA DE ARRUDA CAMPOS

Apoio Financeiro

FAPIC/UNIMEP

1. Introdução

O presente projeto de iniciação científica está vinculado ao projeto-mãe “Indústria Cultural e processos formativos: subsídios para uma leitura das novas demandas educacionais”. Este projeto-mãe está relacionado a um programa de estágio iniciado em 1991, e que, desde 1997, vem se desenvolvendo como Assessoria à Projetos Pedagógicos junto às Escolas Públicas e instâncias superiores da educação. A inserção no cotidiano dessas instituições evidenciou demandas no âmbito educacional envolvendo diferentes níveis – desde a formação cultural dos professores até os problemas relativos às dificuldades de aprendizagem dos alunos, passando pelas conseqüências advindas das políticas educacionais no país. Para isso, utilizamos o aporte teórico de Theodor Adorno e Max Horkheimer, textos referentes à problemática do neoliberalismo, educação, entre outros.

As novas políticas educacionais do Ministério da Educação, datadas de 1996 e baseadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais têm por objetivo direcionar o modelo e referencial de qualidade para a educação no país como um todo. Entretanto, tais reformas pedagógicas refletem as mudanças ocorridas no capitalismo advindas das políticas neoliberais. Isso nos remete a pensar num Estado mínimo, descentralizado, onde os direitos sociais acabam sendo amparados não pelo Estado, mas por setores terceirizados (privatizados).

Segundo essa linha de raciocínio, a Educação também passa a ingressar e se submeter à lógica do mercado. Marrach (1996) destaca três objetivos dessa nova política educacional: 1)Atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa; 2)Tornar a escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários; 3)Fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática, o que aliás é coerente com a idéia de fazer a escola funcionar de forma semelhante ao mercado, mas é contraditório porque, enquanto, no discurso, os neoliberais condenam a participação direta do Estado no financiamento da educação, na prática, não hesitam em aproveitar os subsídios estatais para divulgar seus produtos didáticos e paradidáticos no mercado escolar.

A democratização do Ensino, também ideário dessas novas políticas, possui como discurso que todos tenham o direito à escola. Dessa maneira, o que deveria significar uma formação com substância e com potência para o poder educativo, acaba se tornando mera massificação.

À essa forma de atrelar a Educação à economia, após a intensa entrada dos produtos da indústria cultural, faz com que a formação e a cultura se desdobrem em semiformação e semicultura. Isso não quer dizer que esse seja um período anterior à formação e à cultura, mas sim uma deformação de ambas. Trata-se de um processo de impedimento da formação cultural, que deixa de ser um processo em

direção ao pensamento reflexivo, autocrítico e autônomo (Zuin, et al, 2001, p. 13). A semicultura não corresponde propriamente à falta de cultura, mas a um processo planejado de abortamento das possibilidades libertadoras até mesmo da incultura que, segundo Adorno, “poderia ser aumentada em consciência crítica graças a seu potencial de dúvida, chiste e ironia (DUARTE, 2003, p. 96). Neste sentido, a tendência que se observa é a de total adaptação e alienação do indivíduo.

Atualmente não podemos fazer a distinção entre dominado e dominante, uma vez que todos fazem parte do processo de semiformação. É por isso que as reformas pedagógicas não podem ficar alheias a isso, caso o fizeram estarão correndo o sério risco de contribuir para a barbárie, mesmo que pretendam o seu contrario (Zuin et al, 2001, p. 121). Adorno defende que educação é emancipação. Para que isso ocorra, é necessário que haja uma resistência ao sistema coercitivo vigente, um pensamento que não se entregue à facilidade de um raciocínio condicionado, mas sim que haja a manutenção de um pensamento que ensina a ler as entranhas de cada objeto analisado (Idem, p. 109).

Contudo, a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu. (ADORNO, 1996)

2. Objetivos

Este subprojeto visa contribuir com o projeto-mãe fazendo a relação entre as representações dos professores e indústria cultural, tendo como objetivos:

1. Levantar dados acerca do fazer pedagógico encontrado em uma instituição escolar pública (a mesma escola do projeto mãe);
2. Caracterizar as queixas apresentadas pelos professores quanto às dificuldades de aprendizagem expressas pelos alunos considerados problemas;
3. Analisar as representações dos professores acerca das dificuldades expressas nessas queixas e sua relação com o fazer didático-pedagógico.

3. Desenvolvimento

Primeiramente buscamos nos familiarizar com os estudos dos frankfurtianos, uma vez que eles não são contemplados e aprofundados na grade curricular do curso de Psicologia, sendo este um aporte teórico que requer conhecimento em sociologia, filosofia, antropologia, etc.

Concomitantemente realizamos uma sistematização e análise das queixas referentes aos alunos com dificuldade de aprendizagem encaminhadas pelas professoras de 1ª a 4ª série da escola em questão para o projeto “Re-significação da Leitura e da Escrita”, vinculado ao projeto-mãe. Da mesma forma foi feita uma coleta de dados acerca do fazer pedagógico por meio dos relatórios dos estagiários que freqüentaram o HTPC (Horário de Tempo Pedagógico Coletivo) no período de Janeiro de 2007 à Julho de 2008.

Na continuidade do trabalho as queixas (referentes ao objetivo 3 do projeto) foram aprofundadas através de entrevistas semidirigidas – de acordo com as normas da resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde – realizadas com as professoras que encaminharam essas crianças. Conseguimos entrevistar dois professores de 1ª série, dois de 2ª série, dois de 3ª série, e dois da 4ª série. Nossa finalidade era a de aprofundarmos a compreensão acerca do modo dessas professoras pensarem as dificuldades de aprendizagem e analisarmos as possíveis relações que esse modo de pensar tem com a Indústria Cultural e o processo avassalador de (de)formação cultural pelo qual as profissões vêm passando nas últimas décadas, através de análise interpretativa dos dados. Neste sentido, estabelecemos quatro eixos temáticos, quais sejam: Aluno; Família, Política Educacional e Escola/Didática.

4. Resultado e Discussão

Situada na cidade de Piracicaba, esta unidade escolar, que teve sua origem na década de 1930, é considerada uma das melhores do município e oferece o Ensino Fundamental e o Médio, com funcionamento nos períodos matutino, vespertino e noturno. A maior parte do corpo docente possuem cargo efetivo no estado há mais de dez anos e muitos têm um longo trabalho dentro dessa escola, o que caracteriza sua baixa rotatividade e uma certa autonomia na tomada de decisões, e a maioria é formada antes da década de 90 e já cursou uma faculdade. Há também uma grande identificação desses professores sobre a dinâmica que rege a escola.

Segundo o Estatuto do Magistério, o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) é realizado em reuniões semanais que ocorrem fora do período ao qual o professor leciona, com 2 horas de duração. É um espaço de discussões e atividades acerca do fazer pedagógico, possibilitando que os professores construam um pensamento crítico e reflexivo, visando uma formação contínua. De acordo com os relatórios dos estagiários (Janeiro de 2007 a Julho de 2008), muitas reuniões têm caráter organizativo (discute-se sobre festa junina, organização de excursões, limpeza das salas de aula, entrega de notas, alunos que vão para aula sem uniforme, férias, licenças, aumento de salário), dificilmente as questões pedagógicas são o foco das pautas das reuniões.

Pudemos observar através do conjunto das informações obtidas, por meio das queixas expressas pelas professoras que as explicações que encontram para o Fracasso Escolar das crianças que frequentam à escola, parecem ser permeadas por preconceitos centralizando-se, principalmente, nas características da clientela. Preconceitos e estereótipos sobre o pobre e a pobreza são em maior ou menor grau observados como justificadores das dificuldades de aprendizagem escolar. Estes estereótipos giram em torno da inadequação da família, quer por uma suposta ausência dos pais do lar, quer pela forma como deduzem que estas famílias se organizam ou por possíveis problemas morais ou psíquicos que lhes são constantemente atribuídos.

Estas concepções acerca da clientela que frequenta a escola pesquisada, parece justificar na criança e em sua família as causas dos resultados insatisfatórios que estas professoras obtêm no plano pedagógico, isentando-as em grande medida da responsabilidade sobre tais resultados. A necessidade de encontrar um culpado pelo insucesso das crianças parece levar as professoras, rapidamente a estigmatizar as crianças e por extensão toda a família.

No plano da política educacional, as professoras falam a respeito da progressão continuada, dos materiais didáticos impostos pela política educacional e também das provas que avaliam o desempenho dos alunos. Elas avaliam que trabalhar com um material que não leva em consideração o contexto no qual a criança está inserida é complicado, uma vez que muitas vezes o material apostilado não condiz com a realidade da mesma, por mais que o professor tente se adaptar a esse material.

O material didático oferecido serve mais como um adestramento do professor. A visão do conhecimento não aparece como um fundamento da escola, mas sim para que professor e aluno sigam o prescrito, já que ambos serão avaliados e, dependendo, premiados. Ao perguntarmos da díade Ensino – Aprendizagem, fica claro que o discurso pronto é desconexo de uma crítica reflexiva coerente, ligada ao poder educacional emancipador. Se elas notam que há relação, então porque será que a família e a criança são tão rotuladas e responsáveis pelo insucesso na escola? O modo de pensar e agir já estão tão cristalizados que elas nem mesmas se percebem como parte deste processo. O discurso acaba até mesmo sendo contraditório, pois fala-se muito em autonomia, em facilitar e mediar o conhecimento para o aluno, mas infelizmente esse discurso torna-se alienado, já que só é cabível para uma parte dos alunos.

5. Considerações Finais

Pelos estudos dos teóricos Adorno e Horkheimer e literatura referente ao nosso objeto de pesquisa, podemos fazer um ensaio de conclusão, pois é um tema que deve ser sempre colocado em pauta, em constante “avaliação”, e não como algo concluído, fixo e enquadrado, visto que a relação dialética característica da posição metodológica por nós assumida entre os âmbitos da teoria e da empiria, nos coloca em posição de checar os limites e possibilidade do aporte teórico adotado

Os parâmetros e as diretrizes curriculares datadas de 1996 e que vigoram até hoje no Brasil, proclamam os termos “aprender a aprender”, “ensino centrado na criança”, “aprendizado pelo fazer”, que acabam por transformar a tradicional relação ensino/aprendizagem e a escola no local onde a criança aprende a “arte de viver”, e não realiza sua principal função, a do desenvolvimento e formação do indivíduo em direção ao saber. O construtivismo, colocando o aluno como figura central (na dimensão ativa de sua ação) no processo de sua aprendizagem e o professor como mero facilitador deste processo, torna prescindível a figura do professor, que se exime da responsabilidade do ensino e aprendizado desses alunos. Fala-se em “partir da realidade do aluno” para alcançar o aprendizado, mas infelizmente fica-se nele, não conseguindo o professor transcender tal tarefa.

Neste sentido, o fracasso é explicado através de preconceitos e estereótipos sobre a criança e a família, quer seja porque acham que a família encontra-se desestruturada, quer seja por atribuir elas problemas morais e psíquicos. quer seja porque tais professoras acham inadequado o modo desses pais educarem seus filhos, ou seja, colocam a família ideal em contraposição com aquela real. Assim, a justificativa dos professores sobre os problemas de aprendizagem dos alunos encontram-se no comportamento de pais e filhos, havendo claramente uma biologização e medicalização dos mesmos, perdendo-se de vista, pelos resultados insatisfatórios, o real propósito e plano pedagógico escolar.

A lógica neoliberal a que nós estamos cada vez mais inseridos, onde o sucesso e fracasso dependem totalmente do próprio ser humano, onde há a ilusão de que a todos as oportunidades se fazem presente quase que cotidianamente, sem considerar o contexto no qual se está inserido como um todo, possibilita uma análise dos professores que são regidos por tal lógica.

O ideário neoliberal e seus dizeres de qualidade, participação, autonomia, eficiência, eficácia aceleram ainda mais o processo de semiformação revelado pela indústria cultural, postulado por Horkheimer e Adorno, que nos mostram como a lógica regida pelo mercado de trabalho perpassa todas as relações, inclusive as educacionais.

Hoje o que importa, através das políticas educacionais retratadas em tais parâmetros, é a democratização do ensino – quanto mais alunos nas escolas, melhor. Mesmo que isso não seja sinônimo de aprendizagem. Assim, vemos a intensificação do processo de

massificação do ensino, contraditório ao real sentido da Educação.

A educação, objeto de mercadoria, deixou de exercer seu principal papel, o de EMANCIPAÇÃO do homem. Ao invés de alunos e professores críticos, reflexivos e autônomos, encontramos-nos num quadro de reprodução do mesmo, do que já é posto, do esperado, mostrando um processo de (de)formação cultural avassalador.

Só é suficientemente duro para romper os mitos o pensamento que pratica violência contra si mesmo. (Adorno, D.E.)

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. Teoria da Semicultura. In Revista Educação e Sociedade. Ano XVIII, nº 56, 1996.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985 (impressão de 2006).

DUARTE, Rodrigo. Teoria crítica da indústria cultural. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

MARRACH, S. A. Neoliberalismo e Educação. In SILVA JR, C. A. da. Infância, Educação e Neoliberalismo. São Paulo, Editora, 1996.

ZUIN, A. A.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. ADORNO: o poder educativo do pensamento crítico. Petrópolis, Vozes, 2001.